

AS CONTRIBUIÇÕES DOS PROGRAMAS DE ENSINO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Giuliano Tadeu Mattos de Alice (UEL)

Meu nome é Giuliano Mattos, sou aluno do curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina. Estou muito feliz em poder participar dessa mesa e ter o privilégio de debater um assunto que envolve toda a vida acadêmica de um estudante de licenciatura, o estágio supervisionado.

Cursar Letras sempre foi um anseio muito grande, sonho esse que tem se concretizado, faltando menos de quatro meses para eu me formar. Quando penso que sairei daqui carregando um diploma com o título de professor de língua portuguesa, me desespero e também me orgulho. O desespero vem à tona quando olho para a realidade do meu país e vejo o quanto a educação tem sido deixada de lado, tem sido desprezada e pouco valorizada por nossos governantes. Muitas vezes sinto medo, medo de encarar a realidade nua e crua. Ensinar é um desafio, ser professor é uma decisão louvável.

Orgulho-me quando lembro que todo meu esforço em quatro anos de graduação tem sido para um bem maior. Ensinar requer amor, tempo, estudo, determinação e uma vontade muito grande de ensinar aquilo que sabe e aprender aquilo que ainda não descobriu. Assim como disse Paulo Freire, “Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Cresci em uma família de grandes mulheres educadoras, minha avó foi professora de Língua Portuguesa, assim como minha mãe e minhas duas tias. A vontade de ensinar sempre esteve presente dentro da minha casa. Quando eu era pequeno, sempre dizia que seria professor quando crescer, igual à vovó. Ainda me lembro da velha franzindo as sobrancelhas e sussurrando sem que minha mãe ouvisse, “tem coisa melhor para você nesse mundão.” Hoje minha avó tem 87 anos, aposentada, lúcida, ainda ensina a língua portuguesa para um pequeno grupo de alunos haitianos. Ao ver minha avó, com tanta idade e ainda tanta vontade de ensinar, repito a mim mesmo: “estou no caminho certo”.

Ensinar é um desafio, mais desafiador ainda é se formar um bom educador. E é exatamente nessa formação, que o estágio se torna fundamental em todo o processo de formação do professor. Um dos aspectos de grande relevância da prática de estágio nas licenciaturas é a integração das questões teóricas às questões práticas, o que possibilita a construção de conhecimento significativo o que é de grande importância para a vida profissional do aspirante a professor.

No meu primeiro ano de graduação, me inscrevi para participar em um programa de iniciação a docência, o famoso PIBID. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência foi um divisor de águas na minha formação. Pude ter, através do programa, meu primeiro contato com a sala de aula, minha primeira vez ali, de pé, em frente aos alunos com um giz na mão e uma insegurança que fazia meu coração bater bem mais rápido que o normal. Lembro-me da primeira turma que entrei, as crianças me olhavam com cara de dúvida. No mínimo se perguntavam o que esse desconhecido estaria fazendo na sala deles. As regências em sala de aula eram realizadas em duplas, e os temas eram desenvolvidos antecipadamente, o objetivo era trabalhar a variação linguística junto ao conteúdo programático dos alunos.

As aulas sempre foram muito ricas e cheias de grandes reflexões, pois ao trabalhar a variação em sala de aula, era apresentado aos alunos um modo diferente de compreender a língua que, muitas vezes, era desconhecido por eles. Fora a experiência em sala de aula com os alunos, toda a rotina escolar, o contato com os professores, a dinâmica pedagógica que a escola está inserida, as realidades sociais e políticas que a escola pública vive hoje, todos esses fatores contribuíram em fazer o tempo que fiquei no PIBID muito especial.

Participei do programa por três anos, e duas foram às escolas que me acolheram nesse tempo, Escola Estadual Manuel Bandeira, que me proporcionou o primeiro contato com as turmas do ensino fundamental, e o Centro Estadual de Educação Profissional Professora Maria do Rosário Castaldi, onde pude ter contato com alunos do ensino técnico profissionalizante. O ensino técnico talvez tenha sido o meu maior desafio dentro do PIBID, pois me deparei não somente com alunos do ensino médio, mas também com alunos que estavam regressando aos estudos, e ali existiu um empenho muito grande da minha parte, visto que eu estava em uma turma de ensino técnico de informática, e aprender português não era algo que os alunos gostavam.

Após anos do PIBID acontecendo em muitas universidades brasileiras, o governo ameaçou dar fim ao programa, deixando alunos e professores sem saber o que aconteceria. Foi aí que chegou a famigerada hora de me despedir de todo esse projeto. Chegou até os alunos à informação de que as bolsas não seriam pagas e que os alunos teriam que apresentar seus resultados finais.

Como o PIBID não substituíria o estágio obrigatório, já no terceiro ano da graduação, fui me aventurar nas salas de aula do ensino fundamental de um colégio muito especial de Londrina, o Colégio Estadual Dr. Gabriel Carneiro Martins. Lá tive contato com o nono ano do ensino fundamental, onde pude encontrar uma professora que ama ensinar e tem paixão por seus alunos. Fui recebido tão bem que me senti íntimo dos alunos e dos professores logo no primeiro dia de aula. Eu e minha parceira de estágio tivemos a oportunidade de desenvolver muitas atividades de leitura e interpretação de texto, e conseguimos, com o apoio dos professores do colégio, realizar atividades interdisciplinares.

O estágio obrigatório exigiu de mim muito empenho e dedicação, pois são muitas horas e tarefas a serem cumpridas, regências, atividade junto ao professor geralmente realizada nas horas atividades, correção e elaboração de avaliações e atividades, fora poder vivenciar a dinâmica escolar e poder observar como as coisas funcionam, a relação dos professores cooperando um com os outros e como se estabelece a relação de professor e aluno. O Estágio Curricular Supervisionado foi à disciplina que oportunizou a reflexão de várias práticas e modos de ser professor. Desse modo, a disciplina proporcionou o estudo de documentos oficiais, como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica.

Cumprir a obrigatoriedade do estágio não está apenas em realizar o que a universidade exige, mas também é um tempo de troca de experiências e oportunidades, um tempo de escolhas e crescimentos. Ser estagiário é, acima de tudo, um tempo de grande reflexão e compreensão da realidade sociocultural do país em que se vive. Para mim, que desejo desde pequeno ser professor, passar pelo estágio obrigatório supervisionado foi um desafio e também uma grande conquista, e ao ser avaliado, tive ainda mais a certeza daquilo que vive dentro de mim, é isso que eu quero para minha vida.

Ainda no terceiro ano de graduação tive a oportunidade de me inscrever em outro programa de ensino, a Residência Pedagógica que é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento do estágio curricular supervisionado. Esse programa me levou a ter mais contato prático com a escola, indo mais vezes até a instituição, podendo ter mais contato com as turmas, alunos e material didático.

A Residência, na qual eu ainda estou fazendo parte, é desenvolvida no Colégio Estadual Marcelino Champagnat, na região central da cidade, com as turmas do ensino médio. Juntamente com os outros residentes, estamos iniciando o segundo trimestre, onde será trabalhado conteúdo gramatical e interpretação de textos.

Todos os programas de ensino que contribuem para a formação do professor são de suma importância, não há professor que não tenha passado pelo estágio, pelo menos não deveria. Programas que contribuem para a formação e capacitação do educador deveriam ser mais valorizados, pois em uma sociedade onde os próprios governantes não investem na educação, ser professor é uma forma de resistência.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.